

“Duro é o sistema”: discurso antirracista no gênero post

[artigo]

Marcos José de Souza Cipriano
Pedro Henrique Lopes de Melo
Raissa da Silva Pereira

SOBRE OS AUTORES

Marcos é graduado em Comunicação Social e Letras, Língua Portuguesa. Especialista em Semiótica e Análise do Discurso. Mestre em Letras. Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Parecerista e Revisor de Textos da Revista Brasileira dos Observatórios de Turismo (ReBOT) e Membro do Observatório Potiguar do Turismo (OPOTUR/UERN).

Pedro é graduando em Letras (habilitação em Língua Portuguesa e respectivas literaturas) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Membro do grupo de pesquisa Práticas Discursivas, Linguagens e Ensino (PRADILE).

Raissa é graduanda em Letras (habilitação em Língua Portuguesa e respectivas literaturas) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Técnica de nível médio em informática pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Membro do grupo de pesquisa Práticas Discursivas, Linguagens e Ensino (PRADILE).



“DURO É O SISTEMA”: DISCURSO ANTIRRACISTA NO GÊNERO *POST*

“THE SYSTEM IS TOUGH”: anti-racism speech in the post genre

Marcos José de Souza Cipriano;
Pedro Henrique Lopes de Melo;
Raissa da Silva Pereira.

RESUMO

O surgimento das redes sociais, com o principal propósito de conectar pessoas, tornou comum que debates sobre temas de respaldo social ganhem evidência e notoriedade entre um público amplo e diverso, tornando possível a adesão dos espíritos. Nesse sentido, a partir da construção da identidade antirracista por meio de posts sobre racismo na página “Quebrando o Tabu”, no Instagram, a presente pesquisa se volta para a argumentação e a análise do discurso. Para tanto, toma como base os pressupostos teóricos de Perelman e Tyteca (1996), Bakhtin (1997) e Ribeiro (2019). Partindo da perspectiva metodológica, o tipo da pesquisa se caracteriza como qualitativa, e a técnica aplicada se define pela exploratória-descritiva. Assim sendo, no estudo foram analisados posts que caracterizam a denúncia e promovem a conscientização de seu público. Constatou-se, portanto, que os posts tornam evidente o potencial de convencimento, o que impulsiona o combate ao racismo e, desse modo, atinge sua finalidade.

Palavras-chave: Argumentação; Identidade; Racismo

ABSTRACT

The social media appearance, with the main goal to connect people, made it commonplace for debates on socially relevant topics to gain evidence and notoriety among a wide and diverse audience, making it possible for the spirits to adhere. In that sense, starting from the construction of antiracist identity through posts about racism on the page “Quebrando

Submissão: 10/12/22
Aprovação: 01/02/23

Tabu”, on instagram, the present research focuses on argumentation and discourse analysis. For such, uses as base the theoretical assumptions of Perelman and Tyteca (1996), Bakhtin (1997) and Ribeiro (2019). From the methodological perspective, the type of research is characterized as qualitative, and the technique applied is defined by the exploratory-descriptive. Therefore, in the study, posts that characterize denunciation and promote awareness of their audience were analyzed. Thus, it was noted that the posts make evident the potential for convincing, which drives the fight against racism and, thereby, achieves its purpose.

Key-words: Argumentation; Identity; Racism.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da globalização e consequente acesso às informações e tecnologias, as redes sociais surgiram com o principal propósito de conectar pessoas, de diferentes culturas e identidades, possibilitando ainda que compartilhem desejos, necessidades e interesses, além de permitir interações e ou troca de mensagens pelos chats entre a adesão dos sujeitos.

Assim, diante da compreensão do que seja o virtual, é válido ainda ressaltar que as redes sociais propiciam a rápida e simultânea propagação de informações, exercendo influência sobre comportamentos, provocando alteração nas relações interpessoais, mudanças nos hábitos de consumo e também são utilizadas como ferramentas estratégicas no mercado corporativo da publicidade, no *e-commerce* e *business*.

Além desses propósitos já elencados, pela diversidade e heterogeneidade de usuários que participam desta aldeia global, ou seja, da comunidade cibercultura, é comum que debates e pautas que envolvem e relacionam temas complexos, representativos da realidade social, política e econômica, de interesse nacional, ganhem evidência e notoriedade com uma velocidade de propagação dos dados e informações consideradas instantâneas e simultâneas.

Dessa forma, é válido destacar que as redes sociais englobam uma heterogeneidade de temas e ampliam discussões multifacetadas, entre os quais citam-se: racismo, política, meio ambiente, homofobia, entre

outros assuntos que permeiam o cotidiano e a realidade da sociedade contemporânea. Com isto, para a pertinência deste estudo, considera-se como enfoque, o *Instagram*, pois, de acordo com o *report* da *We Are Social* e da *Hootsuite*, passou a ser a terceira rede social mais usada no Brasil em 2022, com 122 milhões de usuários.

Nesta perspectiva, a plataforma citada anteriormente, proporciona aos usuários a possibilidade de se tornarem influenciadores digitais nos diversos e variados assuntos, compartilhando suas ideologias, opiniões e experiências sobre produtos e serviços nos quais são considerados também consumidores, contribuindo-se, então, para a fidelização das marcas corporativas e até no posicionamento e conscientização de temáticas de relevante alcance e impacto social.

Com isto, a página virtual, “Quebrando o Tabu”, que conta com mais de 8 milhões de seguidores, traz conteúdos com temas importantes da atualidade e contextualização sócio-histórica. Logo, o presente artigo, propõe e pretende-se analisar postagens sobre a problemática do racismo, presente no perfil, a partir da análise do discurso e associado às contribuições da argumentação, mediadas pelas teorias de Bakhtin e Perelman e Tyteca, sucessivamente. O referido perfil de *instagram* faz jus ao seu nome por objetivar e corroborar em apresentar informações e esclarecimentos, e definir-se na quebra e rompimento de tabus e barreiras, através do gênero textual *post*.

Para tanto, foram utilizados os seguintes autores para embasar a fundamentação teórica, Almeida (2017), Bakhtin (1997), Costa (1996), Paixão e Gomes (2010), Perelman e Tyteca (1996), Ribeiro (2019), Schwarcz (2012) e Hall (2001). Ressalta-se ainda que a pesquisa se justifica por tratar de um tema universal, sendo relevante pois corrobora e possibilita o surgimento de reflexões e conscientização, respaldando-se na análise do discurso de *posts* de uma plataforma virtual de impacto social. Nesta perspectiva, a problemática se centraliza na forma como o hipertexto é composto a fim de atrair e possibilitar as narrativas discursivas entre os usuários da referida rede social. Ademais, o artigo encontra-se adequadamente organizado e dividido nas seguintes seções, a saber: introdução, fundamentos teóricos, metodologia, análise e discussão dos resultados, considerações finais, e referências.

2 RACISMO ESTRUTURAL: a violência como herança do período colonial e a construção de uma nova identidade

Entende-se o racismo como a subalternização de grupos identificados racialmente pela sociedade, portanto, de acordo com Almeida (2017) o preconceito não é um ato isolado ou 'mal-entendido'. Caracterizando-se como uma violência sistemática sustentada pelo poder estatal, como através de ações institucionais como o apartheid, ou pela indulgência em relação a desigualdade social.

A constituição do Estado brasileiro está atrelada a história do racismo. O povo africano foi trazido à América do Sul de forma forçosa e subjugado ao sistema escravista implantado na colônia, onde eram explorados e apartados de suas origens, provocando um consequente desligamento social além do apagamento identitário e cultural, que reflete na conjuntura da atualidade, conforme Costa (1996) afirma:

(...) o Estado apropria-se da História, controla e manipula o entendimento do processo histórico, confunde a noção de temporalidade e impinge o esquecimento. Garante, assim, a continuidade do mesmo sistema sob nova e atual roupagem: sem escravos e, logo depois, sem rei. Para dominar, há que se tornar senhor da memória e do esquecimento (COSTA, 1996, p. 84).

O sistema escravista brasileiro atendia a demanda por mão de obra no uso de força braçal, processo que também culminou na dizimação do povo indígena, visto que os portugueses desprezavam e não atendiam a essa necessidade. Então, o tráfico negreiro foi lucrativo, em oposição às desumanas e precárias condições de vida dos escravos. Visto que,

A escravidão, em primeiro lugar, legitimou a inferioridade, que de social tornava-se natural, e, enquanto durou, inibiu qualquer discussão sobre cidadania. Além disso, o trabalho limitou-se exclusivamente aos escravos, e a violência se disseminou nessa sociedade das desigualdades e da posse de um homem por outro (SCHWARCZ, 2012, p. 37).

Sendo o último país do continente americano a abolir a escravidão, isso só ocorreu no Brasil após protestos e pressão popular. Contudo, conforme Paixão e Gomes (2010) os escravos após libertos os pretos eram condicionados aos estigmas das hierarquias sociais do século XX. A abolição não foi seguida de políticas públicas que garantissem aos pretos os seus

direitos, como o direito à terra, educação e direitos civis plenos aos descendentes de escravos libertos. As políticas públicas urbanas eram higienistas.

Ademais, o reflexo do racismo estrutural, entende-se por discriminação racial, enraizada na sociedade, que segundo os dados do Mapa da Violência (2016), morrem cerca de 30 mil jovens entre 15 e 29 anos por ano, sendo que 77% deles são pretos, resultando na morte de um jovem preto a cada 23 minutos no país. Realidade que contribui para a manutenção da opressão da identidade da população preta, já que

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo [...]. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2001, p. 39).

Porém, ações de combate ao racismo estão sendo tomadas e ganhando destaque nas redes sociais, possibilitando que o debate alcance um amplo público e que a população preta tenha a autonomia necessária para construir sua própria identidade, enquanto indivíduos e enquanto povo.

3 DISCURSOS DO GÊNERO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO: Influências da argumentação nos posts do “Quebrando o tabu”

Há uma forte relação entre a retórica e a cidadania. Dito isso, para Bakhtin (1997), o constante processo de interação mediado pelo diálogo traz para a língua, noções de ideologia, luta de classes e contexto social. Segundo o autor, a língua só existe pelo uso que fazemos dela em situações formais e informais de comunicação, visto que esse processo de interação mediado pela linguagem ocorre em contextos específicos, no qual os participantes se encontram em situação de

igualdade. Elucida a natureza do enunciado, entendendo os gêneros discursivos como fenômenos sociais.

Desse modo, com a evolução dos dispositivos tecnológicos e plataformas virtuais, surgiram novos gêneros discursivos. O *post* em *instagram* é um deles, podendo-se observar aspectos formais e funcionais, com uma linguagem que visa atender ao objetivo interacional da mídia. A partir da compreensão da possibilidade de usos múltiplos que um gênero discursivo pode agregar, indo desde o estabelecimento de uma relação social entre os pares, passando por práticas publicitárias que visam a adesão a determinada ideia ou produto, conclui-se que

Não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que lhe sucederão; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia. Existe entre os enunciados uma relação impossível de definir por termos de categorias mecânicas ou lingüísticas. Esta relação não tem analogia (BAKHTIN, 1997, p.376).

A partir disso, segundo Bakhtin (1997) a compreensão dos gêneros discursivos como tipos relativamente estáveis de enunciados, contribui para o entendimento de como esses discursos estão presentes no cotidiano e subsidiam a formação pessoal. Do mesmo modo, para Perelman e Tyteca (1996), a retórica é a estrutura do discurso dado que toda argumentação visa à adesão dos espíritos, ou seja, pressupõe a existência de um contato intelectual. Uma vez que, para que a argumentação se desenvolva, assim como a maior parte das formas de publicidade, é preciso capturar a atenção do público alvo.

Nas plataformas virtuais, a tendência é explicitar o problema de forma a atrair e induzir o público, visto que para que uma argumentação se desenvolva, é preciso, de fato, que aqueles a quem ela se destina lhe prestem alguma atenção. Formando assim o auditório, ou conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação, sendo eficaz se a argumentação promove a adesão e desencadeia a ação pretendida nos ouvintes. Para tanto,

A busca de uma objetividade, seja qual for sua natureza, corresponde a esse ideal, a esse desejo de transcender as particularidades históricas ou locais de modo que as teses defendidas possam ser aceitas por todos. Por esse motivo, como

diz Husserl no emocionante discurso onde defende o esforço de racionalidade ocidental: “Somos, em nosso trabalho filosófico, funcionários da humanidade” (PERELMAN; TYTECA, 1996, pág.29).

Os chamados “criadores de conteúdo” de redes sociais como o *Instagram* buscam mais do que a simples exposição dos momentos que registram de suas vidas pessoais, almejam relevância e visibilidade por meio das interações promovidas pela plataforma. Resultando em atitudes valorativas com o uso de ferramentas de interação que possibilitam a exposição de reações como “curtir”, “amei”, “haha”, “ual” e “grr” e de opiniões através de comentários. Possibilitando que debates sejam gerados em torno de temas de impacto, de relevância social e política.

Apesar de ser uma plataforma de engajamento, o *Instagram* não está restrito ao que o mercado já agrega. Em oposição à visão dominante, páginas como a Quebrando o Tabu, que conta com 8,2 milhões de seguidores, realizam o papel de debater temas de relevância social. Fazendo uso de hipertextos em suas postagens que visam dar visibilidade a temas como racismo, feminismo e homofobia, posto que como afirma Ribeiro (2019)

É importante ter em mente que para pensar soluções para uma realidade, devemos tirá-la da invisibilidade. Portanto, frases como “eu não vejo cor” não ajudam. O problema não é a cor, mas seu uso como justificativa para segregar e oprimir. Vejam cores, somos diversos e não há nada de errado nisso — se vivemos relações raciais, é preciso falar sobre negritude e também sobre branquitude (RIBEIRO, 2019, p.15).

Ao focar no racismo, páginas como a citada anteriormente, buscam além de dar repercussão a causas relevantes, também influenciar, promover e conscientizar seu público. Visto que,

Se a população negra é a maioria no país, quase 56%, o que torna o Brasil a maior nação negra fora da África, a ausência de pessoas negras em espaços de poder deveria ser algo chocante. Portanto, uma pessoa branca deve pensar seu lugar de modo que entenda os privilégios que acompanham a sua cor. Isso é importante para que privilégios não sejam naturalizados ou considerados apenas esforço próprio (RIBEIRO, 2019, p.16).

Logo, considera-se que a temática do racismo está sendo ampla-

mente debatida em uma plataforma de grande alcance e que possibilita ainda que o debate também tenha uma grande abrangência. Portanto, é fundamental debater a perpetuação do racismo, de acordo com Ribeiro (2019, p. 32) “por exemplo, uma marca de luxo pode fazer uma coleção de moda inspirada em elementos da cultura negra, porém só contratar modelos brancas para o desfile”, destituindo de sentido o produto que chega ao consumidor.

Por fim, vale analisar como a discussão atual em torno do racismo é colocada nas redes sociais, espaço propício ao diálogo dos diferentes posicionamentos e heterogeneidade de sentidos e interpretações dos internautas e usuários das ambiências virtuais. “Se a interpretação de um texto deve traduzir o conjunto das intenções do autor, há que se levar em conta o fato de o texto comportar em geral uma argumentação implícita, que constitui o seu essencial” (PERELMAN; TYTECA, 1996, pág. 141).

Contudo, fazendo referência a uma realidade social e um contexto histórico vale lembrar que a análise de *posts* no *Instagram* também precisa considerar que “É sempre o contexto, diz-nos Richards, que atribui a uma palavra sua função e é somente pelo contexto que podemos descobrir o que ela desempenha” (PERELMAN; TYTECA, 1996, pág. 140).

Portanto, é possível analisar *posts* do Instagram da página “Quebrando o Tabu” a partir do contexto social, histórico e a construção discursiva-ideológica a fim de promover o convencimento e consequente adesão ao combate do racismo.

4 METODOLOGIA

A metodologia escolhida por este estudo tem a proposição de fomentar e facilitar a transmissão do conhecimento e alcançar os objetivos pretendidos. Esta pesquisa caracteriza-se como exploratória-descritiva. As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

Conforme Andrade (2008), as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial, a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, ou seja, um fato é descrito através de levantamento de características conhecidas com o intuito de observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los, sem alterá-los.

No que diz respeito a análise dos dados obtidos, verifica-se que esta pesquisa é de caráter qualitativo, visto que, partindo-se do problema é possível uma maior e melhor visão e compreensão das ideias e conhecimentos contidos diante do contexto do problema e do tema de estudo. Segundo Lakatos e Marconi (2002, p. 35), “o estudo qualitativo é o que se desenvolve em uma situação natural; é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

Sendo assim, foi utilizado e identificado por esta investigação, o *corpus*, constituído por 4 *posts* atuais, todos relacionados à temática do racismo, retirados da página do Instagram “Quebrando o Tabu”. Para a escolha do *corpus* verificou-se aqueles que constituem um discurso de combate ao racismo em diferentes âmbitos e promovem uma identidade emancipada da população preta, levou-se em consideração a data de publicação das postagens, prevalecendo as mais atuais. Sendo analisadas a partir dos teóricos supracitados anteriormente.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Com o advento das redes sociais foi possível perceber o estabelecimento de relações que abrangiam espaços geográficos e sociais distintos, possibilitando o diálogo sobre discussões intrínsecas à sociedade que se perpetuam ao longo da história. Visto que, mesmo após o fim da escravidão no Brasil, o racismo ainda se configura como uma problemática estrutural sendo um tema presente nas discussões promovidas em plataformas como o Instagram a partir de postagens e comentários. A Lei Áurea de 1888 aboliu a escravidão em território nacional, porém, o racismo ainda é presente na atualidade. Como visto através do *post* abaixo.

Figura 1: Post 1

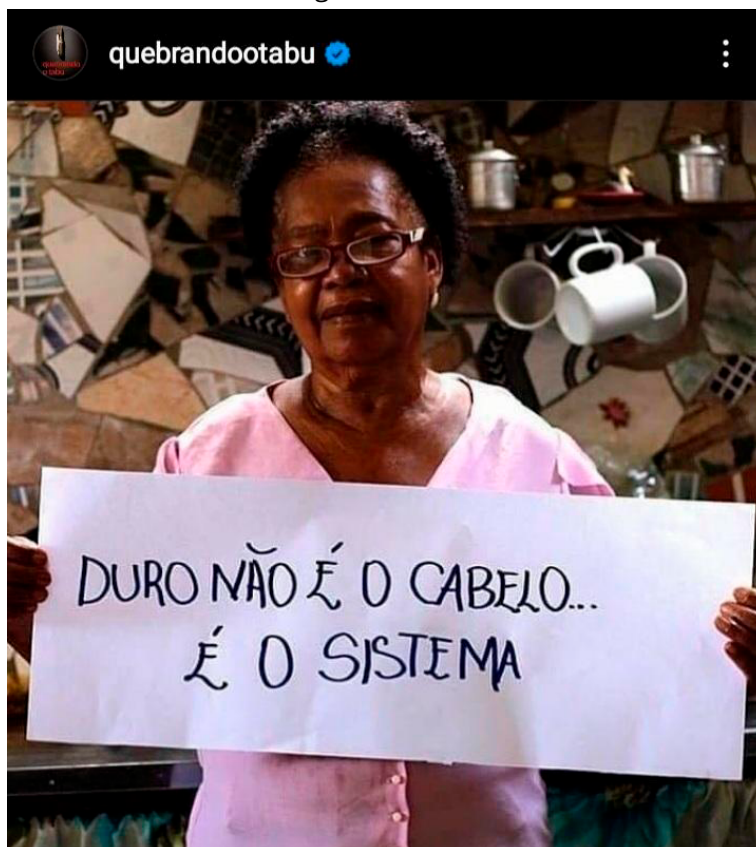


Fonte: <https://www.instagram.com/p/CguHvWyulg-/?igshid=MDJmNzVkMjY=>

No dia 30 de julho de 2022 a atriz Giovanna Ewbank em férias com a família em Portugal precisou defender os filhos adotivos com Bruno Gagliasso de ataques racistas recebidos. O caso ganhou repercussão por denunciar o racismo estrutural presente na época atual. O relato da atriz Giovanna Ewbank demonstra que é preciso que a população branca combata o racismo de forma ativa e se torne aliada, visto que é evidenciado a forma dispare como a sociedade trata uma mulher branca e uma mulher preta em situações semelhantes, dado a identidade reconhecida de cada.

Nesse sentido, mulheres brancas são discriminadas por serem mulheres, mas privilegiadas estruturalmente por serem brancas, afirma Ribeiro (2019, p.17). Um exemplo disso é que, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), levando em conta os rendimentos de 2019, mulheres pretas recebem em média R\$1.471 por mês. O valor é 57% menor do que homens brancos recebem, e 42% menor do que mulheres brancas ganham. O que é reflexo da conclusão exposta no cartaz do post a seguir.

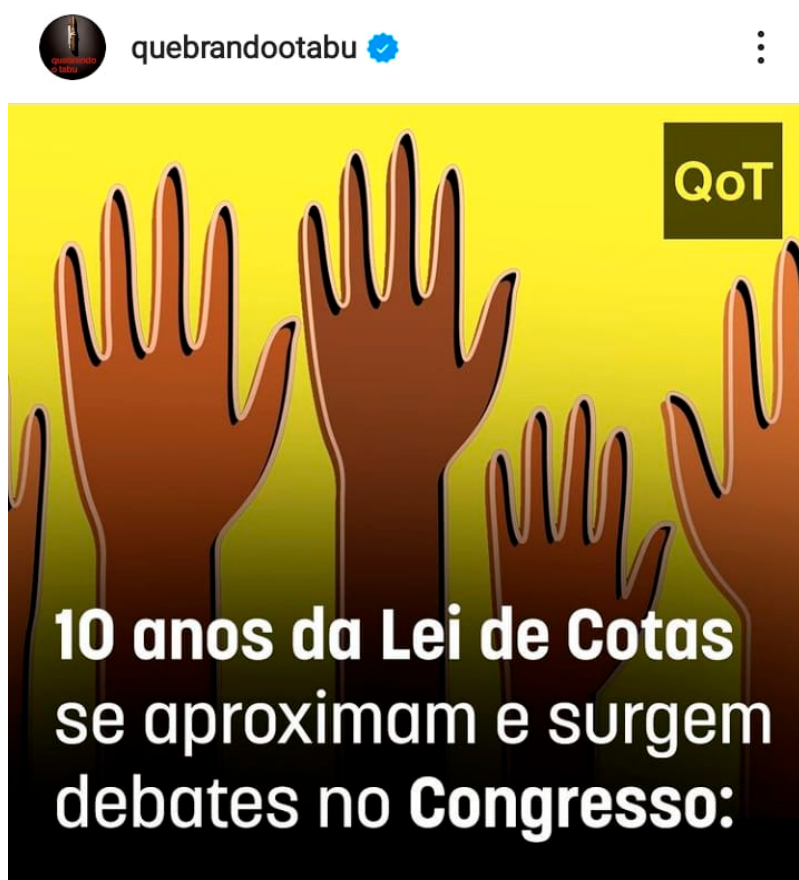
Figura 2: Post 2



Fonte: https://www.instagram.com/p/CVn-MA3vo_q/?utm_source=ig_web_button_share_sheet

A frase “*Duro não é o cabelo... É o sistema*” num cartaz sendo segurado por uma idosa preta representa a perpetuação do racismo ao longo do tempo, fazendo menção a dizeres racistas frequentes como “cabelo duro”, mas colocando o contraponto necessário no combate ao racismo ao evidenciar a culpa da sociedade na perpetuação dessa violência. Os elementos visuais e verbais agregados contribuem para atingir o objetivo da argumentação e na composição de gênero secundário, conforme (BAKHTIN, 1997). Visto que, conforme afirmam Perelman e Tyteca (1996, p. 73), “tanto o desenvolvimento como o ponto de partida da argumentação pressupõem acordo do auditório”.

Figura 3: Post 3



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cg7WUsDMrFo/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Entretanto, a luta é contínua conforme observado no *Post 3*. Pessoas pretas passaram a ter acesso à educação de nível superior, sem as cotas os negros não teriam chegado às universidades. Porém, a Lei de Cotas ainda é questionada mesmo após 10 anos de resultado positivo em relação à inclusão e ao atendimento dos direitos dos pretos. O ensino superior não pode ser restrito à elite, em sua predominância branca. Ainda é preciso destacar os elementos não verbais, desenhos de mãos de diferentes tons levantadas num fundo amarelo, dando destaque que a lei que representava apoio, "*mãos dadas*" passa a ser algo incerto na medida em que é refutada por aqueles que deveriam cuidar dos interesses do povo, da mesma forma que também podem representar pedido de ajuda ou a sinalização de pessoas dispostas a lutarem pela causa.

Figura 4: Post 4



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CiX1QhRPi2l/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Por fim, o *post 4* reforça a necessidade de apoio e incentivo, além de destacar a estereotipização do povo preto ao mencionar que as demais pessoas o viam como “*marginal*”. Novamente é evidenciado a importância da educação, aqui centralizada na figura do professor, bem como do acesso às oportunidades e lugares de destaque. Nas empresas brasileiras, menos de 30% dos cargos de liderança são ocupados por pessoas pretas. O percentual é baixo e ainda sofreu queda. Em 2018, a população preta ou parda ocupava 29,9% dos cargos gerenciais. Em 2019, esse índice caiu para 29,5%, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ao evidenciar a situação desigual através de *posts* do Instagram, ao mesmo tempo que ressalta as conquistas da população preta

e sua luta por autonomia e emancipação negada mesmo após a abolição da escravidão a página “*Quebrando o Tabu*” promove o discurso antirracista ao conscientizar seu público e aqueles que de diferentes formas tem acesso as postagens e ao conteúdo e discussão promovido pela página, colaborando para a emancipação da identidade do povo preto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa deve-se ao fato de despertar a conscientização das relações midiáticas, os atravessamentos dos discursos dos usuários, especificamente das redes sociais com foco no instagram pela perspectiva das produções discursivas e geração de efeito de sentido, relacionado à temática do racismo.

A partir das hipóteses construídas em torno da temática, esperava-se que os *posts* contribuíssem para a ampliação do debate ao alcançarem um público amplo e diverso. Assim foi possível concluir que ambientes virtuais que tem largo alcance como a rede social *Instagram* podem ser plataformas de combate ao racismo estrutural, bem como de esclarecimentos e informações que estimulem e valorizem a atenção, pensamentos de criticidade e conscientização de causas da relevância social, vide o exemplo da página “*Quebrando o Tabu*”.

Para disseminar o discurso antirracista é preciso então promover a igualdade, possibilitar que as minorias e sua identidade alcancem espaços de visibilidade, debater sobre o racismo e suas consequências, como exposto nos *posts* analisados. Fazendo então o papel de tirar essa realidade da invisibilidade e modificá-la.

No entanto, é importante afirmar que os discursos e a linguagem se permeiam entre a sociedade, são considerados heterogêneos e que as redes sociais são produtoras de conteúdo e corroboram para ampliar debates e extirpar barreiras, contribuindo também para auxiliar e filtrar informações precisas e confiáveis.

Ademais, a pesquisa alcançou resultados, pautados pela credibilidade, a literatura qualificada e embasada por teóricos de referência e espera-se ainda que este estudo contribua para fomento de outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo. Enciclopédia jurídica da PUC-SP. Disponível em:

<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/92/edicao-1/racismo>. Acesso em: 20 de jul. de 2017.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ARAÚJO, Ana Lídia; LISBOA, Ana Paula; SOUZA, Talita de. Líderes negros são menos de 30% nas empresas brasileiras , diz pesquisa: Especialistas em recrutamento e diversidade apontam o racismo como principal causa do pequeno percentual de pretos e pardos em postos de gestão. *In: Eu Estudante: Trabalho & Formação*. [s.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2020/11/4892021-lideres-negros-sao-menos-de-30--nas-empresas-brasileirasdiz-pesquisa.html>. Acesso em: 25 set. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Moscou: Martins Fontes, 1997.

Costa, A. M. (1996). **A violência como marca: a pesquisa em história**. In L. M. Schwarcz & L. V. S. Reis (Orgs.), *Negras imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil* (pp. 81-91). São Paulo: Edusp.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP& A editora, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

QUEBRANDO o Tabu. [S. l.], 20 ago. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/quebrandootabu/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

Mulheres negras recebem em média 42% a menos do que mulheres brancas. 2021. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/mulheres-negras-mulheres-brancas/>. Acesso em: 25 set. 2022.

PAIXÃO, Marcelo. GOMES, Flávio. **Razões afirmativas: pós-emancipação, pensamento social e a construção das assimetrias raciais no Brasil**. In: MANDARINO, Ana Cristina de Souza. GOMBERG, Estélio. *Racismos: olhares plurais*. (Orgs.). Salvador: EDUFBA, 2010. p. 45-92.

PERELMAN, C. OLBRECHTS-TYTECA, L. Os âmbitos da argumentação. In: **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Tradução de M. E. G. G. PEREIRA. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RÊ, Eduardo de; SIQUEIRA, Isabela Campos Vidigal Takahashi de; ROMUALDO, Julia Reis; VALENTIM, João Pedro de Faria; PAES, Leonardo Gabriel Reyes Alves da. **O que é racismo estrutural?** 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/o-que-e-racismo-estrutural/>. Acesso em: 25 set. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociedade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

VOLPATO, Bruno. **Ranking**: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2022, com insights e materiais. RESULTADOS DIGITAIS, 23 maio 2022. Disponível em: [https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20report,com%20122%20milh%C3%B5es%20de%20usu%C3%A1rios](https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20report,com%20122%20milh%C3%B5es%20de%20usu%C3%A1rios.). Acesso em: 02 ago. 2022.

WASELFSZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência**: homicídios por armas de fogo no Brasil. [S. l.]: Flacso Brasil, 2015.